

A ACADEMIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

A pandemia de Covid-19 deixou claro que o mundo não está exatamente dividido em países desenvolvidos, países emergentes e países pobres. Em todas as nações do planeta tem sido possível observar a fragilidade de inúmeros grupos sociais, que em seus próprios territórios nacionais, enfrentam as agruras provocadas pelo novo coronavírus.

Desse modo, tão logo instalou-se enquanto indelével realidade sanitária, a Covid-19 tornou-se foco de discussão em diferentes grupos acadêmicos do mundo todo, particularmente aqueles que não lidam com a doença diretamente. A principal questão que tem perturbado investigadores nas áreas de Ciências Humanas parece ser a de como produzir pensamento crítico e relevante diante dos números crescentes e impactantes de contaminados e de óbitos em todas as regiões do planeta. Como persistir conduzindo pesquisas em nossa área, que parece não poder contribuir de imediato para auxiliar na solução desse problema mundial e diante da expectativa do retorno do vírus e do consequente aumento de casos de contaminação em regiões nas quais a disseminação da doença está, aparentemente, sob controle? São inúmeros os debates realizados em transmissões ao vivo nas plataformas de vídeo, cujas gravações circularam pelas redes sociais, e em textos publicados em jornais e editoras que tornaram gratuitos o acesso aos seus conteúdos. Pensadores, filósofos ou não, como Byung-Chul Han, Miguel Nicolelis, Giorgio Agamben, Peter Sloterdijk, Jacques Rancière, Judith Butler, Antonio Negri, Vladimir Safatle, Natália Pasternak, Jérôme Baschet, Paul B. Preciado, Débora Danowski, Jean-Luc Nancy, José Gil, Emanuele Coccia, Eliane Brum, Eyal Weizman, Silvia Federici, Philippe Descola, Donna Haraway, Eduardo Viveiros de Castro são alguns dos que tornaram públicas experiências da pandemia a partir de suas áreas de atuação acadêmica, instigando-nos a pensar coletivamente sobre esse novíssimo flagelo humano.

Para alguns, o gesto maior de resistência é a militância política ou o ativismo solidário, que procura centrar esforços na ação em favor das populações em maior situação de risco frente à doença. Para outros, a escrita acadêmica é em si mesma uma forma de resistência, um modo de fazer o pensamento permanecer, de mostrar a resiliência e a potência que o pensamento tem de nos forçar a pensar, como disse Gilles Deleuze. Uma forma de usar o pensamento crítico como ato que fortalece o presente e prepara para o futuro, ainda que incerto.

A equipe de editores de Prometeica optou por essa segunda vertente e foi extremamente interessante perceber, ao reler os textos para a redação deste editorial, como os temas escolhidos para compor esta edição coincidentemente tangenciam ou até mesmo lidam diretamente com questões, conceitos e noções que nos são caros neste momento. Cada artigo ganhou uma nova significação pelo olhar de alguém que está, como muitos colegas da academia, mergulhada em lucubrações sobre o que nos aguarda a partir dessa prática nova que se impôs a todos, a do distanciamento social, a única prática realmente efetiva e definitivamente vinculada a uma ação de resistência, segundo Ghassan Hage.

Assim, curiosamente, esta edição número 21 apresenta textos a partir dos quais é possível pensar essa experiência única, intensa e comum a todos nós, provenientes desse mau encontro com o novo coronavírus. Experiências advindas do isolamento social, da perda, do luto, da solidariedade, do medo, da revolta face a ações governamentais ineficazes, contraditórias ou mesmo irresponsáveis.

Na abordagem realizada por **Marcus Alves** temos o interessante debate acerca da noção de tempo em Santo Agostinho e seu delineamento como tempo psicológico e social no cristianismo, a partir de seu esforço epistemológico para separar o tempo entendido como a eternidade divina do tempo percebido como duração humana.

Omar Alejandro Murad realiza uma análise metalinguística da noção de vítima a partir da visada interpretativa de Rene Girard, explorando a genealogia do termo e de seu uso desde as narrativas míticas até sua inserção nos discursos contemporâneos que organizam intervenções públicas coletivas e individuais acerca da figura da vítima.

Letícia Helena Fernandes de Oliveira explora as relações entre dois cursos seminais de Kant: o curso de *Physische Geographie* e sua *Anthropologie*, defendendo a importância da primeira para o desenvolvimento da segunda, bem como a relação dessas obras com a proposta kantiana referente à importância de ambas as experiências, uma vinculada à natureza e outra ao homem, para o conhecimento do mundo (*Weltkenntniß*).

Em seu artigo sobre o ensino de línguas, **José María Gil** investiga como o estudo de textos literários pode ser o eixo organizador do ensino da língua materna, uma vez que parece favorecer muito o desenvolvimento das competências de leitura e de comunicação.

Carlos Puig, por sua vez, realiza uma análise das noções de beleza e verdade nas Ciências Naturais, em especial na linguagem matemática, a partir do pensamento do físico alemão Werner Heisenberg (1901-1976). Puig explicita a relação estreita que o físico percebia entre a beleza dos fenômenos naturais e a beleza da ciência, enquanto linguagem matemática que busca a verdade, bem como o modo pelo qual o físico alemão recorre aos filósofos da Antiguidade e suas definições, para defender seu ponto de vista.

Explorando a filosofia política de Alasdair MacIntyre, **Rivas Pedro** discute as teses do filósofo acerca do bem comum, a partir de um conjunto de palestras do autor de 1994, algumas consideradas inéditas, com o objetivo de explorar a ideia de interesse público como conceito que estrutura as comunidades políticas modernas.

Ainda nesta edição, **Nicolás Martínez Saez** conversa com o medievalista **Ángel Molina Molina** sobre o surgimento dos jogos e outras formas de recreação na Idade Média e os paralelos possíveis com o papel do jogo no desenvolvimento da Ciência e da Filosofia modernas.

Por fim, a seção *Resenhas* conta com a colaboração de **Emilio Alochis**, que nos brinda com uma exposição cuidadosamente comentada de *Los bordes de la ficción* (2019), um conjunto de ensaios de **Jacques Rancière** sobre as relações entre escrita literária e a realidade a partir de obras de ficção e de não-ficção, enquanto **Elías Bravo** apresenta com detalhes preciosos o livro *Wittgenstein* (2020), resultado de um minucioso trabalho de investigação de **Federico Penelas** sobre o filósofo austríaco.

Apesar de reconhecermos os tempos difíceis que todos enfrentamos, é com alegria e muita esperança por dias melhores que entregamos aos leitores assíduos ou aos novos interessados em Prometeica mais uma edição.

Este foi o primeiro número de Prometeica editado durante a quarentena provocada pela pandemia de Covid-19. Esperamos que seja, também, o único, e que em breve as vidas de todas as pessoas em todo o mundo possa retornar de algum modo ao feliz hábito do convívio social amiudado que faz da nossa existência algo tão raro e precioso.

Estejam bem e aproveitem a leitura.

Cristina Bonfiglioli
Editora Adjunta